

Sua Casa Sua Casca

Sua primeira casa, a da sua infância, a de sempre e única ainda está aí, estou vendo. É o seu corpo. Casa é corpo. No começo alguém cuida pra nós, limpa, arruma, conserta. A casa muda com o tempo, uma fica grande, outra encolhe. Com que idade começamos a reconhecer como nossa? À medida em que ficamos sozinhos e as horas passam. Se o corpo é a casa, onde é a calçada? E as fiações elétricas, os encanamentos, as tubulações? No seu corpo, onde fica a janela, a cozinha, o banheiro e os corredores? A partir de uma certa idade, começamos a chamar pessoas de fora pra dentro da casa. A visita não é quem passa em frente, é quem entra. A visita tem um prêmio invisível: o convite. A melhor visita não quebra nada, não mancha, não suja, ela deixa um bom perfume no ar. No travesseiro. Ela traz presentes pra casa. Ou nota algo muito bonito e obvio que nem os moradores mais antigos haviam notado. Ela descobre aos poucos até onde pode ir – área, sala, cozinha. Quarto? Cama? Banheiro? O corpo-casa se abre em espaços e impressões para a visita desejada. Algumas são convidadas a ficar.

(Habita-me. Aponto o meu peito e digo: mora aqui.)

Fernanda Meireles, em Antologia Massanova (Editora Marca Imaginária / Mandacaru Editora), 2007